



Exercitando a escrita por meio de reescrituras e constrangimentos: aspectos formais na criação literária

Atividade do Grupo Traçando

Por: Cristina Vergnano

24 de março de 2022



1. PALAVRAS, FRASES, TEXTO:

importância de trabalhar a forma na criação literária

- ▶ Todo texto tem um conteúdo, é criado e difundido em um suporte, possui uma função comunicativa e tem uma forma.
- ▶ Função, conteúdo, forma e suporte nos ajudam a identificar e compreender os gêneros.
- ▶ No caso dos gêneros do discurso literário, a função comunicativa básica é a fruição estética, embora possa haver outras.
- ▶ Atualmente, a literatura circula em diferentes suportes, físicos e digitais, possibilitando incorporar os recursos e peculiaridades de cada um.
- ▶ Em termos de conteúdos, a variedade e as possibilidades são infinitas. Com a modernidade, temas cotidianos, sem apelo artístico óbvio, passaram a ser objeto de criação.
- ▶ O aspecto formal incide tanto na formatação “física” do texto, sua apresentação, quanto nos elementos de sua composição, variando segundo os diferentes gêneros e contribuindo para sua identificação.

1.1 Alguns aspectos a observar quanto à palavra

- Precisão:

- Não é a mesma precisão dos gêneros acadêmico-científicos, pois não busca “valor de verdade”, objetividade ou cientificidade.
- É a escolha da palavra de um determinado campo semântico mais adequada ao efeito que se deseja provocar.
- Detalhe importante: **não há sinônimos perfeitos**
- Exemplos:
 - tenho **medo** da reação dele ao ouvir a notícia X tenho **receio** da reação dele ao ouvir a notícia
 - senti **pavor** ao perceber os ruídos e sombras que vinham na minha direção X entrei em **pânico** ao perceber os ruídos e sombras que vinham na minha direção

1.1 Alguns aspectos a observar quanto à palavra

► Repetição:

- Deve ser evitada, fazendo-se substituições por outras palavras ou construções equivalentes., quando não estiver a serviço de efeitos desejados.
- Também pode aplicar-se à reiteração de uma mesma ideia de formas diferentes, num momento do texto, como nos casos de descrição de personagens, ambientes ou ações.
- Pode ser usada como recurso estilístico a favor de conteúdo e efeitos de sentido, segundo objetivos do autor.
- Alguns efeitos que pode gerar: dilatar/retardar o tempo; enfatizar; reiterar; gerar saturação; remoer sentimentos, ideias; marcar insegurança etc.

► Exemplo:

- **Eu presa naquela brincadeira sem graça dos tempos de criança: Grapete e Repete foram à feira. Grapete voltou. Quem foi que ficou? Repete. Grapete e Repete foram à feira. Grapete... Repete. Grapete e Repete foram... Repete. Grapete e Repete... RE-PE-TEEEEE!!!**
("Cotidiano; eu e tudo de novo", Cristina Vergnano)

1.1 Alguns aspectos a observar quanto à palavra

► Clichês

- São aquelas fórmulas feitas, desgastadas por seu excessivo uso, que já não promovem efeitos inovadores ou inesperados nos textos.
- Devido a essa previsibilidade e desgaste, devem ser evitados, pois enfraquecem o subtexto e eliminam a surpresa.
- Podem, no entanto, ser usados propositalmente para causar certos efeitos de leitura. O autor precisa ter consciência dessas escolhas.
- Bom uso dos clichês é sua desconstrução, o jogo a partir deles.
- Exemplos:
 - **“(...) um mar de ternos se agita em ondas”(...)** A pesar de uma figura batida, se encaixa no contexto sensorial de água nesse texto (Pintura em dia de chuva”, Cristina Vergnano)
 - **“Ouça um bom conselho, que eu lhe dou de graça/Inútil dormir que a dor não passa/Espere sentado, ou você se cansa/Está provado, quem espera nunca alcança (...)”** (“Bom conselho”, Chico Buarque)



1.1 Alguns aspectos a observar quanto à palavra

- Exploração de aspectos morfológicos
 - Utilização de aspectos gramaticais específicos (diminutivos, aumentativos, superlativos) podem gerar determinados efeitos: insignificância, pedantismo, afetação, sufocação etc.
 - O emprego deve ser cuidadoso e calculado para evitar saturação e esvaziamento de sentidos, ou para evitar a cacofonia.
 - O uso de adjetivos, por exemplo, pode tanto exaurir os sentidos pela saturação, como promover efeitos interessantes. Vale a pena avaliar se cabe colocá-los, em que quantidade e onde, ou suprimi-los.
 - Seleção de vocábulos de uma ou várias categorias (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios) pode favorecer efeitos de sentido específicos também.
 - Exemplos:
 - **Repetição de palavras difíceis de dicionário, descontextualizadas, na fala da personagem Chica Martins: desejo de parecer culta e estudada.** ("Fogo sobre Terra", Janete Clair)
 - **"The roads are the dustiest/the winds ar the gustiest/ the gates are the rustiest/ the pies are the crustiest/ the songs the lustiest/ the friends the trustiest/ way back home"(...)** (Way back home, Nicholas & Martin Craft)

1.1 Alguns aspectos a observar quanto à palavra

- Onomatopeias, aliterações, assonâncias e rimas
 - Onomatopeia: Palavra que procura imitar sons e ruídos.
 - Aliteração: figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais e sílabas
 - Assonância: figura de linguagem que consiste na repetição de vogais
 - Rima: reiteração de sons iguais ou similares em sílabas geralmente acentuadas a intervalos determinados.
 - Esses recursos formais geram diferentes efeitos de sentido, entre eles, musicalidade, em especial em textos líricos.
 - Devem ser usados conscientemente e evitados quando não estiverem presentes para gerar um determinado efeito.
 - Exemplos:
 - **"(...) O pato pateta/ pintou o caneco/ surrou a galinha/bateu no marreco (...)"** (O pato, Vinícius de Moraes) – aliterações
 - **"Amo tanto e de tanto amar acho que ela é bonita/ Tem um olho sempre a boiar e outro que agita/ (...)"** (Tanto amar, Chico Buarque) – rimas internas e finais, consoantes.
 - **"Tudo sempre de novo. Tic-tac. O sono, o cansaço, o desejo de cama. Precisar sair da cama. Tic-tac. Maldito despertador. Levanta, corpo, levanta. Tic-tac."** ("Cotidiano; eu e tudo de novo", Cristina Vergnano) - onomatopeia reiterada

1.2 Alguns aspectos a observar quanto à frase

■ Estilos de fala

- Ninguém fala da mesma maneira.
- Ao compor falas de personagens e narrador, deve-se adequá-las ao perfil de cada um.
- Critérios de adequação: idade, gênero, condição socioeconômica, formação/atuação, localização geográfica/origem etc.
- Linguagem estilizada: uma opção possível, mas nunca é exatamente igual à realidade; trata-se de um constructo literário, um simulacro.
- Ainda quando não se usa a linguagem estilizada, é aconselhável variar a fala dos personagens segundo suas características.

■ Exemplos:

- **“(…) – Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...**

– Oh! meu senhô! fico.

– ...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho dêste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

– Artura não qué dizê nada, não, senhô... (...)” (Crônica de 19/05/1888, Machado de Assis)

- **“(…) — Vai sabê, miga. E se aparece um gato? A gente tem que tá preparada pra tudo.**

— Com licença. Será que eu posso ir com vocês?

— Você... é a senhora que acabou de entrá na contabilidade, né?

— Sou, sim. Desculpem eu me meter, mas ainda estou um pouco deslocada.

— Vamo nessa. E não liga pra cara da Mô. Ela tá com fome e fica mal-humorada. (“Cotidiano: mesmice e yaksoba”, de Cristina Vergnano)



1.2 Alguns aspectos a observar quanto à frase

- Diferentes tipos de frases: geram efeitos de sentido diversos
 - (a) frases que não terminam nunca, se arrastam, esticam a informação, colocam uma série de ações e acontecimentos seguidos; usam “então”, “aí” como nexos; boas para falas orais, coloquialidade, rememorar coisas que já aconteceram.
 - (b) frases entrecortadas, separadas por pontos, curtas, duras, boas para dar agilidade à narrativa e, também, para mostrar silêncios, cujos efeitos podem ser: solidão, velhice, acúmulos.
 - (c) frases que funcionam como uma prece, uma ladainha, próximas ao modelo daquelas que se arrastam, acumulam informações; muitas vezes, sem pontuação e com sucessão de conjunções “e”. Dão ideia de continuidade, emendando acontecimentos.
 - (d) frases que embolam sintaxe, também com sucessão de informações, frequentemente sem pontuação: ideia de simultaneidade, continuidade, transcurso de tempo.
 - (e) frases como labirintos: se embolam, se perdem; têm difícil compreensão, pois juntam diversas orações num mesmo período. Em geral, servem para representar personagens empolados, tradicionais, pernósticos.

1.2 Alguns aspectos a observar quanto à frase

- Exemplos de tipos de frases:

- ▶ **“Água de coco. Espreguiçadeira. Cheiro gostoso de verde. Frescor que abraça.** *(Cotidiano; eu e tudo de novo, Cristina Vergnano)*
- ▶ **“Trabalho enobrecedor nem dá pra comprar um carro ou ao menos pagar um Uber, sofre, infeliz, no buzum nosso de cada dia, eu troquei a máscara, nem sei pra quê, tem tanta gente sem, azar se ficarem doentes.”** *(Cotidiano; eu e tudo de novo, Cristina Vergnano)*
- ▶ **“Às vezes, quando queria fazer amor com Tersa, que ‘fazer amor’ mais pobre... fundir-se, entregar-se totalmente até a perda de consciência, chama isso de ‘fazer amor’, sentia na palama da mão a doçura do seio de Bárbara, que me queimava. Aquele fogo nesse naco de pele me fechava as portas do prazer.” (...)** *(Espelho partido, Mercé Rodoreda)*

1.2 Alguns aspectos a observar quanto à frase

► Enumerações

- Podem mostrar personagens apenas pela enumeração de características ou itens a eles relacionados. Indicando ou permitindo inferir, por exemplo, sua personalidade.
- Podem sintetizar acúmulo de coisas/situações ao longo do tempo.
- Exemplos:
 - “(...) Daí, o que antes era um aborrecimento, virou desejo e expectativa. Escola. Argola do brinco da Silvinha, tão linda, tão fresca, tão fluida. Marola das ondas da praia que batem no píer do outro lado da rua. Sacola de frutas que a mãe me pede pra levar pra casa, da loja do seu Juca, após a saída.(...)” (*Retorno às aulas*, Cristina Vergnano)
 - “Atos. Hiatos. A falta dos feriados. O assédio desencostado tomando conta do chão. Ventos eretos fugindo por entre vãos. É cada relato; um misto de confusão. O relógio esqueceu que aponta a que horas são. É uma hipnose, tosse um conflito de geração. Um beijo ao vizinho que vai dormir tarde. (...)” (*Hiatos que vão*, João Schlaepfer)

1.2 Alguns aspectos a observar quanto à frase

- Alternância de tempos verbais
 - Harald Weinrich separou os tempos verbais em: tempos de narração e de comentário, indicando que cada grupo correspondia a uma determinada função comunicativa.
 - Os tempos se alternam nos textos apontando para o narrar, ou o comentar: uma visão mais distante, ou mais próxima e intimista; certezas ou possibilidades.
 - Alternar passado e presente num texto, por exemplo, pode gerar efeitos de combinação de diferentes momentos da existência de um personagem, aproximando vivência de memória/recordação.
 - A alternância também pode ser proposta de forma circular, como numa elipse, um caracol.
 - Se não houver a proposta de causar determinados efeitos de sentido, talvez a mescla deva ser evitada ou controlada, para não causar incompreensão.
- Exemplos:
 - “(...) Posso escrever os versos mais tristes esta noite./ Eu amei-a e por vezes ela também me amou. (...)” | “Puedo escribir los versos más tristes esta noche./Yo la quise, y a veces ella también me quiso.” (Poema 20, Pablo Neruda)
 - “Já não a amo, é verdade, mas talvez a ame ainda.” | “Ya no la quiero, es cierto, pero tal vez la quiero.” (Poema 20, Pablo Neruda)



1.3 Alguns aspectos pensando no texto

- Todas as técnicas convergem na/para a composição do texto, cuja função básica é oferecer uma obra de arte composta por meio da palavra para a fruição estética do leitor.
- O autor escolhe caminhos segundo seus objetivos e os efeitos que pretende provocar. Deve ser consciente dos recursos que pode empregar e selecioná-los de acordo com cada caso e demanda.
- O leitor é coautor, no sentido em que sua leitura atualiza o texto e imprime, na interpretação, os vieses da bagagem do sujeito que lê, numa interação autor/texto/leitor/contextos.
- Há diversas interpretações possíveis, em diferentes camadas; no entanto, não serão infinitas, pois sofrem coerções a partir do gênero, do próprio texto e do contexto (de produção, circulação e leitura).
- Um aspecto importante nas narrativas é o subtexto, ou seja, deixar elementos e informações não ditos, nas entrelinhas, captáveis pelo leitor e que abrem a possibilidade às múltiplas interpretações e à surpresa.

1.3 Alguns aspectos pensando no texto: sobre gêneros em prosa

- Nem sempre é fácil diferenciar os gêneros literários em prosa, mas eles têm certas características que podem permitir sua identificação, apoiada, inclusive, nas escolhas formais e em conteúdos.
- As narrativas curtas têm como característica comum possuir um único conflito, um tempo, um espaço, um narrador e, às vezes, uma única cena. Vejamos duas delas:
 - Crônica: É misto de opinião e literatura. Tem como objetivo defender uma posição. Funciona bem num determinado tempo e espaço; possui caráter coloquial, próximo ao público; em geral contada pelo autor. No entanto, a crônica no Brasil apresenta exemplos com personagens e narradores ficcionais, como algumas escritas por Machado de Assis, possuindo, inclusive, mais subtexto do que se esperaria para o gênero. A crônica surgiu como forma de relatar eventos de guerras e conquistas, mas também cresceu, modernamente, no espaço jornalístico. Exemplos de tipos de crônica: crônica-conto, esportiva, crônica-resenha, paródia, mimética (assume forma de outros gêneros), epistolar, de viagem, de memória, de conselho, etc.
 - Conto: Tem por objetivo causar um efeito e sua permanência é mais universal e atemporal. Possui um narrador ficcional; sua linguagem é elaborada com mais espaço para subtexto. Possui um único núcleo narrativo, apenas um ou nenhum personagem complexo; seu clímax pode aparecer no final, ou ficar em aberto (contos de atmosfera). Às vezes, há crônicas que podem ser consideradas próximas ao conto ou vice-versa. Tipos de contos: de acontecimento (cujo final é uma revelação) ou de atmosfera (cujo efeito não se dá pelo final ou enredo, mas pela tensão ao longo do texto).

1.3 Alguns aspectos pensando no texto: sobre gêneros em prosa

- As narrativas longas em geral são associadas ao romance, embora haja outro gênero longo igualmente importante, a novela. *Metamorfose* de Kafka e *O alienista* de Machado de Assis, são exemplos de novela.
- Dada a sua complexidade e extensão, é conveniente o autor fazer sempre um planejamento antes de começar a desenvolver narrativas longas.
 - Novela: Herdeira da tragédia, com um conflito, onde tudo o mais tende à conclusão. Em termos de extensão, costuma ter entre 50 e 100 páginas, embora o número não seja rígido. Caracteriza-se por ter um núcleo narrativo desenvolvido, com possibilidades de outros menores. Possui ao menos um personagem complexo (ou um casal). Pode apresentar várias vozes, mas o foco recai no narrador. O final da novela coincide com o clímax da história.
 - Romance: Sua extensão pode variar acima de 150 páginas, embora não seja um parâmetro rígido, pois seu tamanho decorre da complexidade própria do gênero. Tem mais de um núcleo narrativo, mais de um personagem complexo e várias vozes e diálogos (polifonia). Seu final é um enfraquecimento, já que o clímax ocorre antes. No século XIX, o romance europeu possuía descrições, retratos psicológicos e diálogos. Isso mudou com o tempo, em especial pela força dos meios audiovisuais. O gênero se reinventou posteriormente com o realismo mágico e as doses de ação.

1.3 Alguns aspectos pensando no texto

- Narrador: é um constructo, não se devendo, portanto, confundi-lo com o autor, mesmo nos casos das autobiografias. É o responsável por contar a história, apresentá-la ao leitor.
- Ponto de vista da narração: Trata-se do foco narrativo, como esse narrador se apresenta, de que lugar "fala" ao leitor. Sua escolha depende dos efeitos que o autor deseja provocar.
- Quanto à pessoa do discurso:
 - Narração em terceira pessoa: em geral, com maior distanciamento e objetividade, podendo mesmo o narrador estar fora da história.
 - Narração em primeira pessoa: o narrador é um personagem ou uma testemunha do narrado. Implica mais proximidade e subjetividade.
 - Narração em segunda pessoa: se apresenta por diálogos, ou pela transferência para o interlocutor da condução da história.
- Quanto ao tipo de narrador:
 - Narrador onisciente: conhece tudo na história, em todos os tempos e lugares, inclusive dentro da cabeça e dos sentimentos dos personagens; se constrói na terceira pessoa.
 - Narrador testemunha: conhece os fatos e a história porque os assistiu e, assim, narra. Não consegue estar dentro das cabeças dos demais personagens; só fala do que viu ou ouviu. Pode aparecer na primeira ou na terceira pessoa.
 - Narrador personagem: trata-se de um dos personagens da história que também a conta, segundo seu ponto de vista e com as limitações impostas por participar das ações. Ou seja, só conta o que viu e vivenciou. Apresenta-se na primeira pessoa.



1.3 Alguns aspectos pensando no texto

- Os personagens são aquelas entidades ficcionais construídas como participantes de uma narrativa. Mesmo quando se pressupõe tratar-se de fatos reais, eles não podem ser confundidos plenamente com pessoas de carne e osso.
- Tipos de personagem:
 - Esféricos (complexos): têm várias camadas, não apenas uma. Em geral, são protagonistas em narrativas mais curtas. As narrativas mais longas podem apresentar vários personagens esféricos.
 - Planos: Em geral, são estereotipados, maniqueístas (bons, maus, desastrados, cômicos etc., por exemplo). Não oferecem muita novidade, nem favorecem interpretações múltiplas para o leitor, pois seu comportamento é previsível. No entanto, não se pode prescindir deles nas narrativas, pois acompanham os personagens complexos, sendo, muitas vezes, os secundários na história.



2. *Exercícios de estilo*, de Raymund Queneau

- Queneau: autor francês(1903 – 1976), membro do grupo que realizava oficinas de criação literária e do Movimento Oulipo.
- Oulipo: movimento que propunha a libertação da literatura, contraditoriamente, por meio de constrangimentos.
- *Exercício de estilo*: uma das obras mais importantes do autor. A partir de um pequeno relato (“Anotação”) ele desenvolveu 99 textos derivados, com estilos variados e diferentes formas de constrangimento.

2.1 *Exercícios de estilo*, de Raymund Queneau – texto inicial de base

ANOTAÇÃO

No ônibus S, em hora de aperto. Um cara de uns 26 anos, chapéu mole com cordão em vez de fita, pescoço comprido demais, como se tivesse sido esticado. Sobe e desce gente. O cara discute com o vizinho. Acha que é espremido quando passam.

Tom choramingas, jeito de pirraça. Mal vê um lugar vago, corre para se aboletar.

Duas horas depois, vejo o mesmo cara pelo Paço de Roma, defronte à estação São Lázaro. Lá vai com outro que diz: "Você devia pôr mais um botão no sobretudo". Mostra onde (no decote) e como (para fechar).

2.2 Exercícios de estilo, de Raymund Queneau – alguns textos derivados

RETRÓGRADO

“Ao sobretudo bem poderia você acrescentar um botão”, disse-lhe o amigo. Foi em pleno paço de Roma. Pouco antes ao aconselhado vira eu, ávido sobre vago assento se precipitando mal expresso seu mau protesto contra o vizinho cujos gestos, alegava, extremo agrediam-lhe os extremos ao sabor do fluxo de entrada e saída de passageiros. Trazia o descarnado jovem ridículo chapéu. Na traseira plataforma: era.

No, ao meio-dia lotado, S, tudo começara.



2.2

Exercícios de estilo, de Raymund Queneau – alguns textos derivados

GINCANA VERBAL

Usar: dote, baioneta, inimigo, capela, atmosfera, Bastilha, correspondência.

Eu estava um dia na plataforma de um ônibus pequeno demais para transportar o dote de Mucuripe Rua, filha do ilustre Eng^o Reinaldo Consórcio Jardim, graças a quem a Companhia Municipal de Transportes Coletivos (C.M.T.C.) tanto fez para aumentar o espírito gregário do usuário amigo, não de sentar-se na baioneta de um inimigo, apesar dos ditos populares malevolentes, mas de transportar-se em íntima e sudorípara companhia, ainda que eu tenha visto por lá, nesse dia, um jovem assaz ridículo, que levava jeito, mesmo não sentando, e que de repente atacou, com voz *a capella*, um senhor instalado em suas costas e que não era sacristão. Tendo assim feito pesar a atmosfera, deixou cair a Bastilha.

Duas horas mais tarde, reencontrei-o dando voltas por aí com um companheiro que o aconselhava a pôr mais um botão no sobretudo, conselho que podia muito bem ter sido dado por correspondência.

2.2 Exercícios de estilo, de Raymund Queneau – alguns textos derivados

O LADO SUBJETIVO

Minha indumentária, nos idos de hoje, punha-me pando de orgulho, posto que estava inaugurando um chapéu inédito, muito jeitoso, que amoldara a meu gosto infalível: um complemento perfeito ao mantô de caxemira fulva que tenho em tão alta conta. Encontrei X na passarela da estação São Lázaro, no início achei ótimo tê-lo como testemunha enquanto brilhava no meio do vulgo, mas ele, só para estragar meu prazer, foi logo tentando me convencer de que meu sobretudo é fendido demais e que preciso acrescentar um botão; é bem verdade que o maledicente, por mais que procurasse, não encontrou nenhum reparo a fazer ao cobre-coco, o galão trançado que apliquei é mesmo demais.

Pouco antes, eu pusera no devido lugar um cafajeste que me brutalizava sem propósito, culpa desses imundos *omnibi*, tão atulhados e populáceos justo nas horas em que me é azado utilizá-los.

OUTRA SUBJETIVIDADE

Hoje, na plataforma traseira do ônibus, ia ao meu lado um desses ranhosos como já não se faz mais, graças a Deus! Senão eu ainda matava um! Esse aí, um moleque de uns vinte e seis, trinta e nove anos, me irritava especialmente, não tanto por causa do pescoço de peru desplumado, mais pela fitinha cor-de-beringela enrolada no chapéu mambembe. Ah, sacripanta de uma figa!

Bem, o ônibus ia lotado, e eu aproveitava o empurra-empurra do sobe-e-desce para entrar de cotovelo no lombo dele. Terminou se escafedendo, o covarde! Pena, mal tive tempo de dar uns pisões nos seus arpéus, iam ficar roxos feito o chapéu ridículo que ia levando. Faltou dizer também, para ensinar umas verdades ao almofadinha, que faltava um botão no seu horrível sobretudo decotado demais.

2.2 Exercícios de estilo, de Raymund Queneau – alguns textos derivados

PRESENTE

Ao meio-dia, a canícula estatela os passageiros de ônibus e estes reagem: trocam mútuos pisões. Uma pouca cabeça encima um pescoço de marcada presença e orna-se com grotesco chapéu, se inflama e come o pau. Vivas bocas esquentam as orelhas presentes com injúrias atuais, mas logo refresca a bronca, pois a gente se escarrapacha lá dentro, em banco e sombra fresca.

Mais tarde acontece que conselhos vestimentares são veiculados defronte a estações com múltiplos átrios, eles concernem um botão indistinto que dedos pegajosos de suor bolinam de modo ausente.

PRETÉRITO

Meio-dia passou. Os passageiros subiram no ônibus. Ficamos apertados. Um cavalheiro de pouca idade portou na cabeça um chapéu envolto em trança à guisa de tira. Ostentou alongado pescoço. Queixou-se junto ao vizinho dos golpes que este lhe infligiu. Assim que percebeu um lugar vago, precipitou-se sobre ele e ali desmilingüiu.

Reapercebi-o mais tarde, em frente da estação São Lázaro. Vestiu-se com um sobretudo, e um amigo que se encontrou ali, passado, fez-lhe uma observação. Foi preciso supor um botão suplementar.

IMPERFEITO

Era meio-dia. Os passageiros subiam no ônibus. Estávamos apertados. Um moço levava na cabeça um chapéu que tinha em volta uma trança em vez de tira. Seu pescoço era comprido demais. Queixava-se ao vizinho dos espremeões que levava. Se percebia um lugar vago, partia e se sentava.

Mais tarde eu o percebia defronte à estação São Lázaro, quando se vestia com um sobretudo e um amigo que ia com ele estava comentando que assim não dava, era preciso que pusesse mais um botão.



2.2 Exercícios de estilo, de Raymond Queneau – alguns textos derivados

TÁTIL

Ônibus são bons de pegar, maciinhos quando a gente põe no colo e acaricia com as duas mãos, da cabeça às rodas, do motor à traseira. Mas ali na plataforma, logo se percebe uma coisa mais dura, meio fria, é a barra de apoio, a menos que seja uma nádega, mais arrebitada e elástica. Às vezes duas, daí a gente põe nos plurais. Também dá para pegar num tubo que palpita com muita bobagem dentro, ou numa espiral mais transada que um terço, mais doce que um chicote, mais aveludada que uma corda. É toda uma arte cutucar, com a ponta dos dedos, a babaquice humana, sobretudo pegajosa de suor.

Mas se a paciência agüenta duas horas e se enrosca numa estação mal-acabada, é mole botar uma mão boba na frescura espessa e subir o osso fora do lugar.

2.2 Exercícios de estilo, de Raymund Queneau – alguns textos derivados

TELEGRÁFICO

ONIBUS LOTADO STOP RAPAZ PESCOÇÃO TRANÇA
CHAPÉU DISCUSSÃO SEM PE NEM CABEÇA STOP QUA-
TORZEH PAÇO ROMA C/CAMARADA PAPO MODA STOP
CONCLUSÃO: BOTAR BOTÃO STOP ASS: MERCURIO

2.2 Exercícios
de estilo, de
Raymund
Queneau –
alguns textos
derivados

NEGATIVIDADES

Não era navio nem avião, mas um meio de transporte terrestre. Não era de manhã nem de noite, mas ao meio-dia. Não era caduco nem bebê, mas rapaz. Não era fita nem barbante, mas um galão trançado. Não era procissão nem mutirão, mas empurra-empurra. Não era mau nem amável, mas ranzinza. Não era verdade nem mentira, mas pretexto. Nem de pé nem de boca, mas querendossentar-se.

Não era ontem nem amanhã, mas para já. Nem a Luz nem a Central, mas São Lázaro. Nem conhecido nem desconhecido, mas camarada. Não é piada nem mentira, mas dica de amigo: nunca acredite em conselho traduzido.

2.2 Exercícios de estilo, de Raymund Queneau – alguns textos derivados

LÍNGUA DO PÊ

Upum dipia, popor vopoltapa dopo mepeio-dipia, napa plapatapafopormapa trapasepeirapa depe upum opo-nipibupus, napão mupuitopo lopongepe dopo paparquepe Moponcepéu, vipi upum gapajopo depe pepescopoçoço copompridapão copom upum chapapepéu depe capafapajepestepe quepe tipinhapa upum copordapão nopo lupugapar dapa fipitapa. Depe repepepentepe, epelepe chipiou copom opo vipizipinhopo, apachapandopo quepe opo tipinhoposopo pipisapavapa opos sepeus pepés depe propopopositopito no nos sopobepes epe no nos depescepes dopos papassapagepeiropos. Depeixopou prapa lapa apa dipiscupussapão epe fopoi sepe jopogapar nupum lupugapar lipivrepe.

Dupuas hoporapas depepopois, depei copom epelepe nopo Papaçoço depe Ropomapa bapatependopo apa maior capaixapa copom upum apamipigopo quepe dipizipia paparapa bopotapar mapais upum bopotapão nopo sobrepetupudopo.

3. Proposta de atividade: criação de textos derivados

■ Texto base:

Gravura em dia de chuva

Por: Cristina Vergnano

A tarde está cinzenta e encharcada. Ainda não é hora do *rush*, mas, numa avenida central da cidade, faróis, lanternas e buzinas já se fundem, clamando por espaço. Nas calçadas, um mar de ternos e pastas se agita em ondas entrechocadas de guarda-chuvas abertos.

Num primeiro plano, uma mulher de *tailleur*. Ela desvia, elegante, de outra que tenta equilibrar o enorme guarda-chuva com uma das mãos, enquanto sua esquerda puxa uma criança desejosa de alcançar algo imaginário no sentido oposto.

Adiante, à direita, a enorme boca escura e gotejante do metrô aguarda a massa ondulante que rumo para si. Abafamento, chuva, fumaça, luzes e ruído chicoteiam o avanço dos transeuntes em sua direção. E todos parecem ávidos para lhe saciar a fome.

3. Proposta de atividade: criação de textos derivados

A partir do miniconto, escreva versões modificadas utilizando os seguintes critérios/constrangimentos:

- **Mudança de foco narrativo.** Reescrever o conto, usando uma das possibilidades: (1) sob o olhar de um dos personagens, alterando a pessoa do discurso para primeira, com o personagem atuante na trama; (2) em primeira pessoa, ou mantendo a terceira, mas mudando o narrador onisciente para um testemunha; (3) transformar o texto num fluxo de pensamento, com agilidade e atropelo das ideias.
- **Imposição de constrangimento.** Reescrever o conto escolhendo um ou vários dos itens para impor limitações à escrita: (1) usar verbos no passado; (2) incluir as palavras “beleza”, “cachorro”, “helicóptero”, “flor”; (3) Iniciar sempre as frases com palavras começadas por uma determinada letra do alfabeto (uma mesma letra pra todas as frases).
- **Mudança de gênero.** Escolher uma das possibilidades: (1) transformar o conto numa história cômica ou de terror; (2) reescrevê-lo sob a forma de poesia lírica; (3) reescrevê-lo sob a forma de diálogo; (4) reescrevê-lo sob a forma epistolar.